

# Gorjeta em psicanálise: caso clínico de um presente secreto

*The Tips in Psychoanalysis: a clinical case of a hidden gift*

---

*Dmitry Olshansky\**

## **Resumo**

O autor do artigo analisa o significado do dinheiro na psicanálise e dá como exemplo uma vinheta psicanalítica de sua prática clínica, o caso de uma paciente que tentou deixar dinheiro para dar uma gorjeta ao seu psicanalista. Eles se tornam um fragmento não simbolizado do real, um *objeto a* que se intromete na transferência. Para analisar esse caso, o autor utiliza as abordagens kleiniana e lacaniana.

**Palavras-chave:** Gorjeta. Dinheiro. Gratidão. Significante. Gozo. *Objeto a*.

## **Abstract**

*The author of the article analyzes the meaning of money in psychoanalysis and gives as an example a psychoanalytic vignette from his clinical practice, the case of a patient who tried to leave money for a tip to her psychoanalyst. They become an unsymbolized fragment of the real, an object a that intrudes into the transference. To analyze this case, the author uses the Kleinian and Lacanian approaches.*

**Keywords:** *Tip. Money. Gratitude. Signifying. Enjoyment. Object a.*

---

\* Psicanalista, graduou-se pelo Instituto de Psicanálise do Leste Europeu em São Petersburgo, Rússia. Estágio na Escola de Psicanálise Lacaniana em Paris, França. Buenos Aires, Argentina. [olshansky@hotmail.com](mailto:olshansky@hotmail.com)

## Introdução: o significado do dinheiro na psicanálise

A questão das gorjetas na psicanálise raramente é levantada, porque a questão é dada como certa: a psicanálise não é uma indústria de serviços, não atende aos caprichos do cliente, seu objetivo não é se divertir; então dar gorjeta ao psicanalista é inapropriado. E o registro imaginário da psique está minimamente envolvido na psicanálise. Existem estudos sobre o tema dinheiro na psicanálise, mas não há publicações específicas sobre presentes.

Pelas obras dos clássicos sabemos que o dinheiro em psicanálise é uma representação do objeto anal e desempenha um importante instrumento analítico. Freud, em 1908, foi o primeiro a apontar que: “*Am ausgiebigsten erscheinen die Beziehungen, welche sich zwischen den anscheinend so disparaten Komplexen des Geldinteresses und der Defäkation ergeben.*” [Entre os complexos do amor ao dinheiro e da defecação, aparentemente tão díspares, descobrimos, porém, relações múltiplas] (FREUD, 1908/1984, p. 206). Quando um paciente esquece o dinheiro de uma sessão, ou atrasa o pagamento *online*, ou dá mais ou menos dinheiro quando o analista decide aumentar o valor, tudo faz sentido e faz parte do processo clínico. Cada vez que há mudança no custo da sessão, vale a pena fazer a pergunta: “o que isso significa?”.

Além disso, a questão da gratidão, monetizada em gorjetas, é uma das questões centrais da transferência analítica. O dinheiro, como equivalente das relações com objetos primários, deve sempre ser considerado como uma transição do autoerotismo para a libido objetal. No entanto, o excremento é o primeiro objeto de transição e modo de troca entre a criança e a mãe, para o qual Sándor Ferenczi foi o primeiro que chamou a atenção e descreveu em sua obra *A ontogênese do interesse pelo dinheiro* (1914):

As fezes também são um dos primeiros brinquedos da criança. A satisfação puramente autoerótica proporcionada à criança pelo empurrão e pressão exercida pela massa fecal, bem como o jogo dos músculos do esfíncter, não demora a se transformar – pelo menos em parte – em uma espécie de objeto de amor, deslocando seu interesse pela percepção intransitiva de algumas sensações orgânicas sobre a matéria que provocou tais sensações. (FERENCZI, 1914/1992, p. 154).

Quando o paciente não consegue expressar ou simbolizar sua gratidão de outra forma, ele deixa uma gorjeta para o analista. Na maioria das vezes, isso fala da relação instável do paciente com o peito, medo da perda e frustração.

Nesses casos, a gorjeta pode se tornar uma expressão de ansiedade quando o paciente substitui um *objeto a* inarticulado por dinheiro. Para lidar com a ansiedade e superar a perda, você simplesmente pagará mais ao analista. Assim, a gorjeta torna-se um símbolo de bloqueio e desvalorização dos próprios sentimentos, o que é paradoxal. De qualquer forma, entendemos que com a ajuda do dinheiro o paciente expressa o que não pode expressar em palavras, não pode fazer parte de sua história.

Por exemplo, Brenda Berger dá exemplos clínicos de como ela foi incapaz de aumentar os preços das sessões porque o paciente perdeu seu senso de segurança e autoestima, e também desenvolveu ideias sobre exploração, que levantaram a questão da contratransferência para o analista. Isso sugere que a paciente não teve o apoio de um seio bom e o psicanalista não conseguiu criar adequadamente um espaço de transição seguro (BERGER, 2019, p. 575).

Os analistas lacanianos veem o dinheiro não apenas como um objeto anal, mas como um significante que remete a algum significado (ARNAUD, 2003, p. 25-43). Todo significante remete a outro significante, então devemos buscar não apenas um pensamento reprimido ou um sentimento bloqueado, mas um outro significante que é substituído pelo dinheiro. O paciente quer articular algo em palavras, mas traduz essa mensagem para a linguagem do dinheiro. Nesse caso, a tarefa do analista é ouvir o significado desse enunciado e permitir que o paciente transcreva sua mensagem em linguagem falada.

### **Vinheta clínica: a dádiva secreta da gorjeta**

Houve um caso assim na minha clínica. Após a sessão, a paciente colocou o dinheiro na mesa e saiu, mas só quando contei o dinheiro percebi que ela havia deixado 500 rublos a mais. No dia seguinte, perguntei por que ela me pagava mais. Ela respondeu: “Você fez um trabalho muito bom e deixei uma gorjeta”. Agradei por isso, mas disse a ela que devolveria o excesso. Quando ela viu que eu paguei a dívida, ela ficou com raiva e furiosa, pulou do sofá, começou a gritar comigo, disse que eu era um formalista insensível e cruel, saiu correndo do consultório e bateu a porta.

Para entender esse incidente, devo voltar um pouco e falar sobre o enredo de seu sintoma. Ela me procurara um mês e meio antes reclamando da mãe, que era fria e distante, nunca interessada em sua vida. A paciente descreveu a mãe como uma pessoa extremamente egoísta e histérica que nunca quis filhos e deu à luz simplesmente porque a sociedade soviética exigia que uma mulher

desse à luz um menino e uma menina. Ao mesmo tempo, a própria paciente diz com orgulho que tem três filhos, todos meninos. Desde os primeiros sons, adivinha-se a melodia de sua competição com a mãe.

Ela conta em detalhes como sua mãe era uma tirana na família, não tolerava objeções, subordinava o marido e os filhos à sua vontade. Nenhum dos familiares tinha antídoto contra a lei materna. A mãe sempre obrigava a paciente a ir sozinha àquelas aulas extras que a mãe queria. E então ela tentou se realizar através das crianças. E somente quando deu à luz filhos e se tornou mãe, a própria paciente conseguiu escapar da masmorra de sua mãe, “e agora tenho algo para me opor a ela”, diz, como se usasse os filhos como fortificações defensivas contra sua mãe. Chama a atenção a total ausência de homens e da lei paterna da separação nesse universo feminino, embora todas tenham famílias completas. Na história da paciente, muitas vezes o pai se confunde com a mãe, repetindo suas palavras e seguindo seus desejos, como se não tivesse opinião ou argumento próprio. Em sua história, não pude ouvir uma única voz do desejo do pai.

Quando pergunto a ela sobre o pai, ela responde com desdém que nunca teve uma opinião e apenas repetiu palavra por palavra o ponto de vista da mãe. Portanto, a paciente não tem escolha a não ser usar seus próprios filhos para se separar de sua mãe. Não é de se estranhar que em sua família ela repita o mesmo cenário: o marido da paciente era tão obstinado e sem caráter e nunca teve opinião própria; então ela teve que se divorciar dele. E agora ela mora sozinha com três filhos. Parece-me importante encontrar algo mais em sua história que lhe permita separar-se da mãe, além do parto e da competição fálica com ela: quem deu à luz mais filhos?

Em uma das sessões, faço uma pergunta sobre como a mãe a amamentou. E lembra que sua mãe tinha muito leite e, já no hospital após o parto, passou a alimentar tanto a paciente quanto outra criança.

“Ela me negligenciou a ponto de silenciosamente mudar para outra criança e dar a esta o leite que deveria ser meu. Ela estava tão orgulhosa de si mesma e se considerava uma mãe do mundo que se esqueceu completamente de mim”. – a paciente reclamou.

Esclareci: “Você disse que a mãe deu à outra criança apenas o leite que sobrou quando você estava bem cheia”.

“Sim, isso é verdade, mas desta forma ela mostrou desdém por mim e sua superioridade”, – respondeu.

Nessa cobiça facilmente se lê a inveja da paciente pelo seio da mãe: ela considera que até o leite é dela e proíbe a mãe de dispor dele livremente. Também é fácil perceber que uma mãe dá uma gorjeta a outro filho, ou seja, além de alimentar o próprio filho, ela divide o leite com os outros.

Só então ficou claro para mim que os 500 rublos extras que ela secretamente me deu eram um símbolo desse excesso de leite materno. Assim como a mãe alimentou o paciente integralmente e deu o excesso para outras crianças (*plus-de-jouir*), o paciente me dá o excedente, além do que combinamos. Ela tenta objetivar esse excedente oral em dinheiro, do qual não pode se apropriar. E encontra um equivalente simbólico para o *objeto a*.

Melanie Klein diz: “*For his desires imply that the breast, and soon the mother, should do away with these destructive impulses and the pain of persecutory anxiety*” [O impulso por obter evidências constantes do amor da mãe, mesmo nas épocas más remotas, tem sua raiz fundamental na ansiedade persecutória] (KLEIN, 1957/1975, p. 180). Foi esta ansiedade que exacerbei por minha negativa a aceitar uma propina. Foi então que ficou claro para mim que a paciente havia me avisado na tentativa de se identificar com o seio bom da mãe, que produz leite em excesso e pode dar mais do que o esperado. Mas eu o paguei de volta e assim quebrei sua identificação narcisista. A ligação entre o dinheiro em análise e o narcisismo é apontada por Alejandro Viviani: “O pagamento é aquela forma de perda do narcisismo onde o sujeito paga porque teme dar lugar à falta no ser.” (VIVIANI, 2014, p. 66).

No entanto, vale ressaltar que a paciente dá gorjetas secretamente, descumprindo o combinado, ao contrário da mãe, que dava o leite abertamente. É importante que isso tenha sido feito às escondidas, como se ela temesse de antemão que o presente não fosse aceito ou fosse depreciado. Não há dúvida de que esse segredo se torna objeto do gozo (*jouissance*) da paciente, gozo de um presente secreto. Parece-me que o fato de eu ter revelado seu segredo aumentou sua ansiedade e se tornou a causa de sua raiva. Devolvo o *objeto a* ao mundo mental da paciente sem cortes nem segredos, ela o percebe como um ataque do seio mau. O encontro com o objeto de gozo torna-se insuportável para ela.

## Conclusão: quadrado psicanalítico

Vejamos os achados dessa vinheta clínica no enquadre clínico: nas relações objetais primárias, no sintoma, na transferência e na contratransferência.

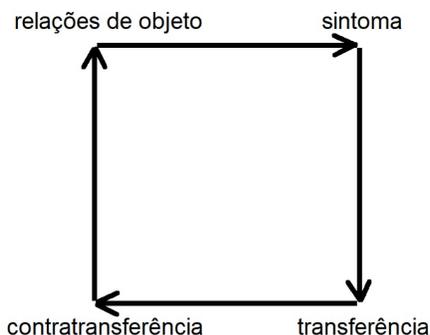
Nas relações objetais primárias há um seio excessivamente farto que, porém, não enche e não força a criança com excesso de leite. Pelos fatos disponíveis, parece-me que a paciente tinha uma mãe razoavelmente boa, capaz de prover as necessidades básicas de sua filha, mas não cometeu abuso oral.

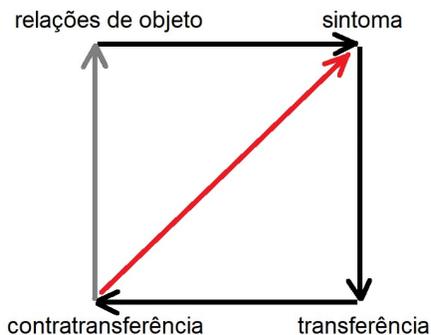
No sintoma da paciente encontramos o desejo de se apropriar da mãe e retirar o excesso de leite. Como não fez isso, a paciente fica muito ofendida com a mãe, desvaloriza todos os seus esforços e quer privá-la de sua independência. Isso ditava, por um lado, a humilhação da mãe, a depreciação de seus dons; por outro, a identificação com ela e o desejo de “dar demais”.

Na transferência ela repete a mesma coisa comigo. Um dia ela vem ao meu escritório e vê que a porta está fechada. Ela bate, eu abro e ela me pergunta: “Por que você fechou a porta do meu consultório?”. Ou seja, também está tentando conquistar e se apropriar do meu espaço, como dos seios de sua mãe, que não deve dividir com outras crianças. Ao mesmo tempo, tentou “alimentar” o analista sub-repticiamente, violando o combinado. E assim fazer o papel de seio bom demais. Na transferência, o analista torna-se uma figura inimiga que não permitiu que o presente fosse dado.

Na contratransferência, o analista se identifica com a lei e insiste na clareza do enquadramento: não há dinheiro adicional sem acordo mútuo. Esse encontro com a lei paterna é inesperado e insuportável para a paciente, pelo que ela fica furiosa. Meu ato analítico foi fortalecer a função paterna e assim tornar a relação com a mãe mais dolorosa e contratual. Em vez disso, minhas ações caem no sintoma e se cruzam com seu gozo.

Cada evento no curso do tratamento psicanalítico tem um significado. Para entender esse significado, é preciso analisar as causas e consequências de um ato, e não apenas apelar para as normas tipo “o que é possível ou impossível fazer em psicanálise”. Um ato não pode ser entendido como um evento isolado, não é correto ou incorreto, mas apenas na dinâmica do sistema “a relação primária – o sintoma – a transferência – a contratransferência” podemos entender seu significado e suas consequências para a paciente e o curso do tratamento analítico.





### Tramitação

Recebido 05/06/2023

Aprovado 04/07/2023

### Referências

ARNAUD, G. Money as Signifier: A Lacanian Insight into the Monetary Order. *Free Associations*, n.10, p. 25-43, 2003.

BERGER, B. Discussion of “The Therapeutics of the Fee in Psychoanalysis”. *Psychoanalytic Dialogues*, n. 29, p. 575-582, 2019.

FERENCZI, S. (1914). *Ontogênese do interesse pelo dinheiro*. Tradução de A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 149-156. (Obras completas Sándor Ferenczi, 3).

FREUD, S. (1908). Charakter und Analerotik. *Gesammelte Werke*, Bd. 7. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1984. p. 203-209.

KLEIN, M. (1957). *Envy and Gratitude*. Writings of Melanie Klein, v. III, 1946-1963. New York: The Free Press, 1975. p. 176-235.

VIVIANI, A. Considerações sobre o dinheiro na psicanálise. *Ide*, São Paulo, v. 37, n. 58, p. 59-69, 2014.